

O Brasil precisa garantir o direito de ir e vir nas estradas

Em 2026, o calendário nacional reserva uma série de feriados prolongados. Mas o que deveria ser motivo de animação para os brasileiros, que têm a oportunidade de realizar viagens em família ou com amigos, também causa apreensão, já que a maior parte dos deslocamentos ocorre pelas estradas. O carnava­l, data que também motiva o deslocamento pelo país, já deu o tom do perigo: segundo a Polícia Rodoviária Federal (PRF), foram 1.241 acidentes, 130 mortes e 1.481 feridos nas pistas sob sua fiscalização. Em comparação com 2025, o total de sinistros aumentou 4,3%, enquanto a quantidade de óbitos subiu cerca de 53%, e a de pessoas machucadas cresceu 3,3%. Os registros graves passaram de 316 para 343, representando alta de 8,5%. O levantamento mostra que a maioria das vítimas estava em carros e motos. E o recorte mais preocupante revela que a festa de Momo foi a mais letal da década, acendendo o alerta para as próximas celebrações do ano.

O que deveria ser o sistema circulatório do país — por onde flui a riqueza, o abastecimento e o direito de ir e vir — transformou-se em estatísticas de guerra. A precariedade da malha rodoviária é o primeiro e mais evidente vilão desse cenário. Baixo investimento, com intervenções apenas paliativas, resulta em um rastro de crateras, sinalizações inexistentes e traçados obsoletos, que não comportam o volume atual de passageiros e de cargas. Enfrentar essa realidade, porém, requer mais do que melhoria do asfalto. Exige o uso de tecnologia e uma reforma rigorosa na formação de condutores. Os dados são os sintomas de um problema complexo, e a solução depende de vontade política e da sociedade.

As falhas dos governos em oferecer uma infraestrutura minimamente segura são condenatórias, porém não se pode ignorar a cultura de imprudência profundamente enraizada no

condutor brasileiro. O excesso de velocidade é tratado por muitos como uma demonstração de perícia, e não como o risco mortal que representa. Somado a isso o desrespeito às normas, o resultado é desastroso.

O impacto econômico é outra ferida aberta. De acordo com estudo da Confederação Nacional do Transporte (CNT), com base em registros da PRF, os acidentes tiveram custo estimado de R\$ 149,6 bilhões de janeiro de 2016 a julho de 2025. O valor inclui despesas médicas, perdas de produtividade e danos materiais associados às ocorrências.

Tamanha perda financeira e tanta dor de famílias, que veem seus entes saírem para passeios e não voltarem mais, pedem uma mudança profunda de paradigma. Destinar verbas públicas e dinheiro de empresas em intervenções que resolvam as demandas das estradas não são gastos; são cuidado com a preservação da vida nas rodovias. Além disso, endurecer e aplicar as penas para as infrações cometidas ao volante, dar atenção à educação e formação dos condutores e criar programas permanentes e eficientes voltados aos caminhoneiros completam a lista de ações fundamentais nesse contexto.

O desafio da segurança rodoviária no Brasil é multifatorial, portanto, exige uma abordagem em que a responsabilidade seja compartilhada e encarada como prioridade. As autoridades, os governantes e os cidadãos precisam decidir se continuarão assistindo à dor e à destruição do capital humano do país ou se assumirão o desafio de acabar com as rotas de tragédias. A omissão já custou muito. O fim do sofrimento virá com amparo técnico, determinação política e compromisso de cada motorista. Esse pacto não pode mais esperar para ser firmado. O Brasil precisa escolher ser um país que se desloca pelas estradas sem deixar marcas de sangue nas pistas.



PALOMA OLIVETO
paloma.oliveto@cbpress.com.br

Saiu pela culatra

Usada com frequência para ridicularizar o discurso mais alinhado às minorias, dessa vez, a palavra “lacrção” encaixou-se perfeitamente à tentativa de protesto de uma deputada que se define como de extrema-direita, na Assembleia Legislativa de São Paulo. Fabiana Bolsonaro (PL), que pegou emprestado o sobrenome do ex-presidente sem ter qualquer parentesco com Jair, apelou para outra “fake” na semana passada, quando pintou a pele com tinta preta em um teatrinho para atacar pessoas trans.

Mas a lacração da parlamentar acabou voltando-se contra ela mesma: acordou transfóbica e dormiu racista. Para quem não acompanhou, Fabiana começou seu discurso na Alesp dizendo-se branca e privilegiada e, aos poucos, foi pintando grotescamente o rosto e os braços com tinta escura. Ela explicou a performance: “Sou branca e privilegiada, mas se me ‘travestir’ de preta, sou preta?”.

Só que, para fazer a analogia sem pé nem cabeça, a deputada valeu-se de uma das mais execráveis ferramentas racistas, a blackface. A expressão surgiu nos Estados Unidos no século 19, quando pessoas pretas eram representadas em espetáculos de comédia por brancos pintados e maquiados com exagero. Brancos “fantasiados” de pretos, como se a cor da pele e a origem étnica fossem uma alegoria, digna de arrancar risos.

Por muito tempo, a blackface foi considerada absolutamente “normal”. Para não contratar atores pretos, tingiam-se os brancos, como se fez com Lawrence Oliver, na interpretação de

Otelo, de Shakespeare, na década de 1960. Pelo Brasil, a moda também pegou, com inúmeros humoristas apelando para a blackface e muita gente se “travestindo de preto” nos carnavais.

No ano passado, recuperaram um vídeo da atriz Fernanda Torres com blackface, em um quadro do programa Fantástico, de 18 anos atrás. Ela se desculpou, admitindo que a prática “nunca é aceitável”. “Graças a um melhor entendimento cultural e feitos importantes, mas ainda insuficientes, de avanço nesse século, é claro hoje que em nosso país e em todo o mundo que o blackface é inaceitável”, disse.

Dezoito anos nem é tanto tempo assim e, certamente, há duas décadas, pessoas pretas sentiam-se tão humilhadas quanto hoje ao servirem de máscara para humoristas. Mas, de fato, em 2026 não há desculpas para se “fantasiar de negro”.

Muita gente (branca) ainda diz que é exagero, e que o objetivo não é ofender. E esse é o pior tipo de racismo — se é que existe uma escala para medi-lo —, aquele que, de tão arraigado, soa natural.

Além da lacração racista, Fabiana Bolsonaro (que não se chama Bolsonaro) deu outro tiro no pé: ao se expor, atraiu atenção. E, assim, descobriu-se que ela se declarou parda nas eleições de 2022 para usar a verba das cotas raciais. Já na performance da Alesp, se disse branca, enquanto se tingia de preto. No mínimo, uma crise identitária.

Que fique a lição para a parlamentar: um discurso de ódio não pode acabar bem. Seja ele contra pretos ou pessoas trans.



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato.
» E-mail: sredat.df@dabr.com.br

Preservar a Serrinha

É urgente que seja colocado um ponto final na proposta de vincular a área da Serrinha do Paranoá como ativo para o BRB. A Serrinha é uma área fundamental para a reserva hídrica do DF e, portanto, do Brasil, uma vez que aqui está o berço das águas que alimenta diversas bacias hidrográficas do Brasil e até mesmo a Bacia Platina. Isso evidencia, com muita clareza, que é imperioso conservar a Serrinha do Paranoá.

» **José Ronaldo de Moraes**
Asa Norte

Serrinha sob ameaça

É revoltante ver a Serrinha do Paranoá sendo colocada no centro de discussões que ignoram o que realmente importa: a sua preservação. Não estamos falando de qualquer área, mas de um espaço natural fundamental para a vida no Distrito Federal.

A Serrinha guarda nascentes, protege a água que abastece a nossa região e mantém o equilíbrio ambiental que sustenta a cidade. Transformar esse lugar em objeto de interesse econômico é desconsiderar tudo o que ele representa para a população. A natureza não pode ficar em segundo plano. Precisamos defender a Serrinha do Paranoá com responsabilidade e consciência, garantindo que ela continue sendo um patrimônio ambiental protegido, hoje e no futuro.

» **Veronica Lúcia Soares**
Guará

Formação para proteção

Parabéns ao **Correio Braziliense** por estar nessa formação para uma cultura de proteção às mulheres. Precisamos desse amparo na nossa sociedade, e isso se faz através da cultura e do conhecimento do assunto. Certamente será mais um *CB.Debate* de qualidade. Esses encontros mensais e as boas matérias diárias com alertas sobre cuidados e esclarecimentos são essenciais para o universo feminino.

» **Máuria Franco**
Jardim Botânico

Estamos vivíssimas

Mais um artigo necessário: Estamos vivíssimas — Cada vez mais! Em tempos de tanta violência explícita ou orquestrada por meio de fake news, bullying. Aí é um vale-tudo para nos atingir pela idade e por não nos convencerem da verdade deles. Invadem. Tentam destruir. Mas seguimos em frente e vivas. Afinal, quem sobreviveu à década de 1970 verga, mas não quebra.

» **Eliana Lucena**
Brasília

Cadê oquinho que estava aqui?

Semana passada, assistimos com indignação à remoção de um parque infantil na 302 do Noroeste. O espaço, instalado pelos moradores do Bloco E e cedido à comunidade, era um ponto de encontro que, todas as tardes, reunia crianças, famílias e vizinhos.

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

Nossa Senhora da Paz, termina as guerras

Nossa Senhora, escuta, nesta hora, as vozes dessa gente tão sofrida e nos protejas, logo e sem demora, com essa tua paz, nossa Mãe querida.

O sofrimento, que nos apavora, resulta desta história dolorida, onde as guerras campeiam mundo afora, roubando das pessoas suas vidas.

Ninguém sabe o final das crueldades, que buscam devorar a humanidade, neste mundo cercado de terror.

Somente quando a luz de tua bondade tirar dos corações toda a maldade, a Paz renascerá do teu amor.

Souza Prudente — Brasília

Após a denúncia de uma moradora, o parque foi retirado pelo DF Legal. Uma decisão difícil de entender. O equipamento estava entre os blocos, atendia à comunidade e já havia, inclusive, a solicitação de formalização da doação junto às autoridades. No fim, quem perde são as crianças, que ficam sem um espaço de convivência, e toda a vizinhança, que perde um ambiente de integração e vida comunitária.

» **Flávia Lima**
Noroeste

Mais espaço para as crianças

Enquanto moradores do Noroeste brigam para retirar um parquinho de uma área pública, aqui em Ceilândia lutamos para garantir espaços para nossas crianças. É absurdo que a reclamação de uma única pessoa tenha sido suficiente para acabar com a alegria de tantas famílias.

É difícil compreender tamanha falta de empatia. Que nossas ruas sejam ocupadas por crianças felizes e saudáveis, e que os espaços vazios sejam preenchidos com convivência, cuidado e amor.

» **Lúcia Sousa**
Ceilândia

Mais cuidado com as áreas verdes

O mato alto nas áreas verdes no Cruzeiro Velho causa preocupação. O que deveria ser espaço de convivência e lazer acaba se tornando um risco, principalmente para as nossas crianças. A falta de roçagem tira a visibilidade, favorece a presença de insetos e até animais peçonhentos, afastando as famílias desses locais. É uma situação que precisa de atenção urgente. A Administração e a Novacap devem olhar com atenção para esses espaços.

» **Valéria Pontes**
Cruzeiro

CORREIO BRAZILIENSE

“Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houvera, lá chegará”
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

VENDA AVULSA			ASSINATURAS*
Localidade	SEG/SÁB	DOM	SEG a DOM
			R\$ 1.187,88
DF/GO	R\$ 5,00	R\$ 7,00	360 EDIÇÕES (promocional)
Assine			
(61) 3342.1000 - Opção 01 ou (61) 99966.6772 Whatsapp			
*Preços válidos para o Distrito Federal e entorno. Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61) 99158.8045 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.			
Anuncie			
Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp			
Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp			
Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp			

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edison Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp.



Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFP, Agência Estado e D.A Press. Tel: (61) 3214-1131

DIÁRIOS ASSOCIADOS

D.A Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco 1, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF;
de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/
sábados, das 14h às 21h/ domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.dapress.com.br